

n.º 8
maio' 26
EDUCAÇÃO

série **XI**

* edição dedicada aos
vencedores do concurso
'Grande Ideia'

'Propulsão do saber' > Bruna Correia ♦ ES de Francisco Franco (Funchal)



Secretaria Regional
de Educação, Ciência e Tecnologia



PONT@ VÍRGULA



O PV faz acontecer

Ao longo de mais de uma década, centenas de alunos produziram extraordinários trabalhos que elevaram as escolas da Região, deleitaram os professores e orgulharam as suas famílias. Hoje, tenho a honra de dar o meu contributo numa singela, mas sentida mensagem nesta edição do 'Ponto e Vírgula'.

O 'Ponto e Vírgula' faz acontecer. Tornou-se numa verdadeira ferramenta inspiradora de educação não formal para muitos jovens que puderam manifestar e exprimir o seu talento e a sua criatividade.

Foi também através deste projeto que muitos jovens encontraram

o seu rumo, a sua vocação, o seu sonho. Estes exemplos revelaram a verdadeira missão do PV: dar asas aos alunos e deixá-los voar. É, sem dúvida, um privilégio fazer parte deste projeto que orgulha a Educação da Região Autónoma da Madeira.

Este número marca o final de mais um ano letivo e, por isso, quero também expressar um agradecimento especial à contínua disponibilidade das escolas, à incansável colaboração dos professores, à meritória participação dos alunos, à excelente coordenação da equipa do PV e à profícua cooperação dos nossos ilustres parceiros.

É nossa vontade dar sequência a este projeto para continuarmos a partilhar o que de melhor se faz nas escolas da Região e testemunhar as variadas vivências e enriquecedoras experiências dos nossos alunos. ■

Elsa Fernandes
Secretária Regional de Educação,
Ciência e Tecnologia



PÓDIO // ESCOLAS

Concurso 'Grande Ideia',
que conta com a participação das **15** escolas do secundário da Região Autónoma da Madeira.



ES de Francisco Franco (Funchal)



ES de Jaime Moniz (Funchal)



Escola da APEL (Funchal)

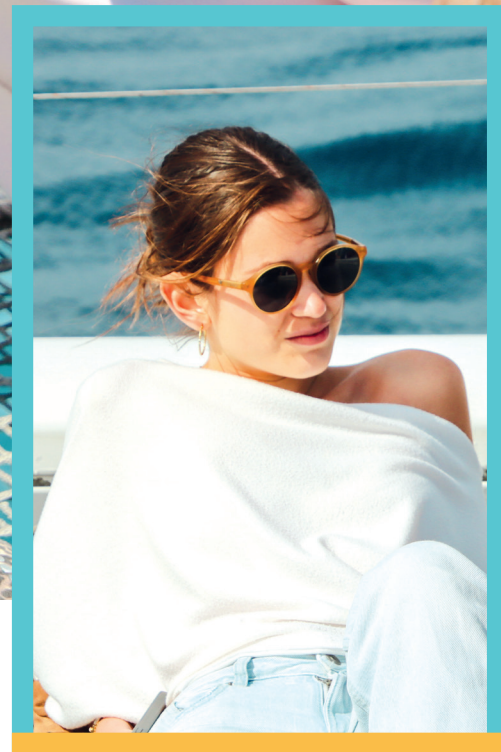


MAR ABERTO PARA OS CORRESPONDENTES DO 'PONTO E VÍRGULA'

Prazos, exames, artigos por entregar, tudo ficou em terra. Porque o sucesso não se faz só de empenho e muito trabalho: também precisa de momentos de convívio e descontração. No dia 17 de abril, os correspondentes do 'Ponto e Vírgula' embarcaram para uma pausa bem merecida, com o oceano Atlântico à frente, trocando a sala de aula pelo convés de um catamarã.

A

iniciativa nasceu como um gesto de reconhecimento. Ao longo do ano letivo, estes alunos encheram as páginas do PV com histórias, opiniões



e notícias da comunidade escolar, em papel e nas redes sociais. A equipa do PV quis retribuir, e fê-lo com o apoio da **VMT Madeira**, empresa de viagens marítimo-turísticas dedicada à observação de cetáceos que também tem vindo a desenvolver um projeto gratuito de sensibilização ambiental junto das escolas. O **Diário de Notícias da Madeira** também se juntou à tarde, com uma atividade surpresa dinamizada pelo seu diretor geral, Ricardo Miguel Oliveira. A abertura da atividade contou com a presença da **Secretária Regional de Educação, Ciência e Tecnologia**, num encontro marcado pelo espírito de equipa e pela partilha entre alunos de diferentes escolas.



Como refere a **Laura Jesus**, da EBS de Santa Cruz, «*é um momento que não é muito comum nas escolas e ajuda a aliviar a cabeça. Aproveitar os últimos cartuchos*». Entre conversas, muitos sorrisos e fotografias, houve também oportunidade para avistar golfinhos e baleias, tornando a tarde inesquecível.

Para alguns, esta foi uma experiência totalmente nova. A **Raquel Santos**, da EBS/PE/C D.^a Lucinda Andrade, descreveu o momento com entusiasmo: «*Sinto sobretudo curiosidade, porque estou a viver esta experiência pela primeira vez. Se fosse um artigo, dava-lhe como título "O início de uma descoberta"*».

A tarde foi também marcada pelo reencontro destes alunos, tendo o mar como pano de fundo.

A **Mariana Fernandes**, da EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral, captou bem o espírito da

atividade: «*Se este momento fosse uma fotografia, mostraria as nossas diferenças, mas também a união de uma equipa que se esforçou para alcançar bons resultados.*»

A **Inês Chaves**, da ES de Jaime Moniz, foi mais longe descrevendo o momento como «*uma aventura extraordinária... estamos a viver experiências únicas em conjunto, partilhando aprendizagens, desafios e momentos que nos marcam.*» A mesma correspondente deixou ainda uma reflexão sobre o significado do próprio projeto. O que é, afinal, o 'Ponto e Vírgula'? «*Se o PV fosse uma*

pessoa, seria alguém espontâneo, criativo e cheio de imaginação, capaz de transformar ideias em histórias e de dar voz ao que muitas vezes fica por dizer.»

A **Beatriz Abreu**, também da EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral, descreve «*se fosse uma pessoa, o PV seria alguém muito sociável e amigável, com grande capacidade de comunicação*». Para o **Iago Fernandes**, da ES de Francisco Franco, a força do projeto está noutra aspeto: «*É feito por muitos alunos e uma grande equipa, e isso dá-lhe vida. A sua força está na diversidade, na alegria e na variedade de temas.*»

■ **A experiência permitiu fortalecer laços entre os alunos e reforçar o sentimento de pertença ao projeto.**

A **Joice Silva**, da EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas, resume aquilo que talvez seja o mais importante: «*Sinto que o PV nos está a escutar, porque nos dá espaço para, enquanto estudantes, termos voz.*»

Mais do que um passeio, esta iniciativa foi um momento de celebração do trabalho desenvolvido ao longo do ano e da importância de criar espaços onde os jovens possam expressar-se, partilhar experiências e construir ligações fora da sala de aula.

No regresso a terra, com o som do mar ainda presente, ficou a certeza: o 'Ponto e Vírgula' é muito mais do que um suplemento escolar. É um lugar de encontro e criatividade. ■

Jurados

Celso Velosa

Locutor de Rádio — Diário de Notícias da Madeira

Vera Duarte

Deputada na Assembleia Legislativa da Madeira

Valentina Jesus

Locutora de Rádio na cidade do Porto

Entre o desejo de partir e a vontade de ficar, Beatriz Abreu transformou num **podcast íntimo e reflexivo os desafios de sonhar a partir de uma ilha.**

PODCAST Podcast



ouve aqui
o **podcast** vencedor!



podcast

PODCAST

▶ O que significou para ti vencer o Concurso 'Grande Ideia' na categoria de **Podcast**?

Significou muito mais do que apenas um prémio. Foi muito especial ser reconhecida pelo meu trabalho e forma de pensar. Apesar de ter abordado um tema muito pessoal, consegui que outras pessoas se identificassem com o mesmo. Trouxe-me mais confiança para continuar a explorar este tipo de projetos e acreditar nas minhas ideias.

▶ Como surgiu a ideia para o tema?

Nasceu do conflito interno entre o ter de partir e o querer ficar. Encontro-me numa fase da vida em que tenho de tomar decisões sobre o meu futuro e sobre os objetivos que pretendo alcançar. Daí ter surgido esta ideia, certamente partilhada por outros jovens nesta mesma situação.

▶ Como escolheste o teu tom de voz: mais emocional, mais crítico, mais reflexivo?

Foi uma escolha natural, na altura não pensei muito sobre isso, mas agora, mesmo inconscientemente, adotei um tom mais reflexivo. Falo sobre algo muito pessoal, mas também porque queria levar quem me estivesse a ouvir, a questionar-se e a rever a sua própria perspetiva sobre este tema.

▶ Falas da beleza da Madeira e, ao mesmo tempo, do "limite do oceano". O que representa para ti esse "limite"?

Significa, de certo modo, um desafio. É como uma barreira simbólica que me faz pensar nos meus objetivos e no que é necessário ultrapassar para os alcançar. Representa, também, uma certa linha invisível entre o conforto do meu lar e o mundo lá fora, cheio de possibilidades por descobrir. Não é apenas um limite físico real, mas sobretudo psicológico: a ideia de que existe um mundo enorme além

da ilha e que, por vezes, sentimos que estamos separados dele.

▶ É possível sonhar em grande mesmo sem sair da ilha? O que é sonhar em grande? Apenas idealizar? Ou realmente concretizar?

Atualmente, com a tecnologia e todo acesso à informação, conseguimos criar e partilhar tudo a partir de qualquer lugar. No entanto, sinto que, talvez, nem todos os sonhos sejam possíveis... alguns exigem que saiamos da nossa zona de conforto e, neste caso, significa sair do espaço físico onde nascemos e crescemos. Sonhar em grande começa sempre dentro de nós, independentemente do lugar onde estamos.

▶ Que mensagem gostarias que os ouvintes retirassem deste **podcast**?

Gostava que percebessem que viver numa ilha traz, de facto, algumas limitações, mas não é, de todo, uma barreira invencível. Pode, sim, trazer muitos desafios, mas não deve definir até onde os nossos sonhos são capazes de chegar. Tudo depende da forma como vemos o mundo e das oportunidades que decidimos criar para nós próprios.

▶ Os jovens têm hoje mais ferramentas para dar voz às suas ideias? Este projeto é exemplo disso?

Sim, sem dúvida. Atualmente, existem muitas plataformas que permitem partilhar ideias de forma acessível, como as redes sociais e outros meios digitais. Este **podcast** é um bom exemplo disso, pois nasceu de uma ideia simples, de uma reflexão pessoal e conseguiu ganhar visibilidade através dos meios disponíveis.

▶ Este prémio ajudou a despertar em ti o interesse por áreas como a comunicação, o jornalismo ou os **media**?

Em parte, sim. Sempre gostei muito de fazer apresentações e de falar em público, mas nunca me imaginei numa destas áreas num futuro profissional. Este prémio fez-me perceber que cada vez mais gosto de comunicar e de explorar temas que fazem as pessoas pensar e refletir. Quem sabe, no futuro, dar palestras ou até aprofundar a área da comunicação. ■

1.ª **Beatriz Abreu**
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

R / 5

2.ª / **Joice Silva**
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas — Carmo (Câmara de Lobos)

Nuno Buaró / 3.ª
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

Jurados — Tema: 'Surreal'

Roberto Macedo Alves
Empreendedor e criador de BD

Luísa Spínola
Artista Plástica

Éder Luís
Designer e Ilustrador Diário de Notícias da Madeira



descobre aqui
a **ilustração**
vencedora!



Inspirada pelo surrealismo de René Magritte e pelas memórias da infância, Ana Catarina Gonçalves criou uma ilustração simbólica e inquietante, onde um simples chupa-chupa ganha novos significados.

▶ A tua ilustração é imediatamente marcante: um corpo sem rosto, substituído por um chupa-chupa. Como nasceu esta imagem?

A professora Graça Berimbau, na disciplina de Desenho, apresentou-nos o regulamento do concurso 'Grande Ideia' referente à Ilustração com o tema "Surreal" e, logo de início, já tinha uma breve ideia daquilo que queria fazer. Comecei a pesquisar sobre este conceito e sobre o movimento artístico do Surrealismo. Depois de alguma pesquisa, acabei por me inspirar no trabalho de René Magritte, e uma das características que mais me chamou à atenção no seu trabalho foi o facto de haver muitas obras em que o personagem tem a sua cara tapada ou substituída por algum tipo de objeto, e quis usar essa característica no meu trabalho, já que podia partir desse simples detalhe e criar algo complexo. Decidido esse aspeto, a infância foi a minha outra fonte de inspiração e resolvi representá-la de alguma forma, até porque, apesar de continuarmos a crescer, a infância teve e continua a ter um papel importantíssimo nas pessoas que somos hoje e que seremos no futuro. Foi assim que decidi que queria que a cabeça do meu personagem fosse substituída por um chupa-chupa.

▶ O tema deste ano era o surreal. O que significa, para ti, trabalhar dentro desse universo?

Surreal, por si só, já remete para algo que seria demasiado estranho para ser real, quase como se fosse um cenário retirado de um sonho. Para mim, o surreal era algo que nunca tinha explorado a fundo. Por isso, foi muito interessante trabalhar num "território" inexplorado, que acabou por se tornar num dos trabalhos que mais gostei de realizar.

▶ Que técnicas e materiais utilizaste?

Para este trabalho usei técnicas

mistas, nomeadamente lápis de cor e tintas acrílicas. O papel que usei foi uma folha papel cavallinho francês no formato A3.

▶ Estavas à espera de ganhar? Como reagiste quando soubeste que eras a vencedora?

Eu já tinha recebido a notícia de que tinha ganho o concurso a nível escolar (interno), mas não estava nada à espera de ganhar a nível regional, até porque, normalmente, quando participo neste tipo de concursos, valorizo sobretudo a experiência e o desafio de criar algo a partir de um tema previamente dado. Fui apanhada de surpresa quando soube que tinha sido premiada, mas obviamente fiquei imensamente feliz e sinto-me realizada pela oportunidade que me foi dada.

▶ Vês a ilustração como um caminho a seguir no futuro?

A ilustração já chegou a ser uma opção para mim, no entanto já não penso muito em seguir essa área no futuro. Mas não é uma opção totalmente descartada.

▶ Se fosses tu a sugerir o tema para a categoria de Ilustração do próximo Concurso 'Grande Ideia', qual seria?

Eu sugeria o tema "Metamorfose". Acho que existem muitas possibilidades de trabalhos que poderiam ser realizados sobre esta temática, usando diferentes materiais e técnicas.

▶ O que aprendeste com esta experiência?

Perante qualquer desafio ou trabalho que nos seja apresentado, por muito que seja um pouco "fora da nossa zona de conforto", temos de encará-lo com entusiasmo, com uma mente aberta e tentar o nosso melhor sempre, porque nunca saberemos que tipo de oportunidades este tipo de trabalhos pode trazer-nos no futuro.

O NOSSO ESFORÇO, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, SERÁ RECONHECIDO; DESISTIR NUNCA PODE SER UMA OPÇÃO. ■

1.ª Ana Catarina Gonçalves
ES de Francisco Franco
(Funchal)

2.ª Ana Vitória Teixeira
ES de Jaime Moniz (Funchal)

Jurados

Graça Alves

Escritora e Diretora do Museu de Arte Sacra do Funchal

Marta Caires

Escritora e Jornalista

Tânia Cova

Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

Com o mar como voz da memória e da esperança, Carolina Cristo escreveu um conto sensível sobre o ambiente, mostrando que ainda vamos a tempo de construir um futuro melhor.

► **Este conto deixa uma mensagem clara para o futuro. Achas que a tua geração está mais consciente destas questões ambientais?**

Quero acreditar que sim, visto que a minha geração está mais informada e preocupada com estas questões. No entanto, ainda há muito a melhorar, principalmente no que toca a transformar essa consciência em ações diárias. Embora exista vontade de mudança, é necessário que ela seja consistente.

► **Achas que histórias como esta podem influenciar a forma como cuidamos do planeta?**

Sim, pois a escrita tem um papel importante. Por vezes, uma história consegue tocar mais as pessoas do que as notícias, porque cria uma ligação emocional. Isso pode levar as pessoas a refletirem mais e, eventualmente, a mudarem os seus comportamentos.

► **Depois deste prémio, sentes vontade de continuar a escrever e explorar este caminho?**

Sim, sem dúvida. Fiquei muito feliz por ganhar este prémio e por ver a minha escrita a ser valorizada e reconhecida. Escrevo muitas vezes, pois uso a escrita como forma de expressar aquilo que sinto e penso, o que é algo muito importante para mim.

► **O que te levou a escolher o mar como "personagem central" da tua história?**

O mar é algo que está muito presente na minha vida e, às vezes, acaba por ser esquecido. Gosto de pensar que o mar comunica connosco e mostra o que sente, como se tivesse uma voz própria. No conto, ele acaba por representar não só a natureza, mas também a memória e as consequências das ações humanas.

► **Na ficha técnica dizes que o mar é fonte de vida e de emoções. Qual é a importância que o mar tem para ti?**

Pessoalmente, acho que o mar tem uma ligação muito especial com as emoções. Pode transmitir calma, mas também força ou tristeza. Acaba por ser um espaço que uso como refúgio para refletir e sentir mais intensamente. Além disso, é essencial para a existência de vida no planeta e, por isso, devemos valorizá-lo e protegê-lo mais.

► **Referes no teu texto "um mundo melhor que há de vir". Qual foi a mensagem que quiseste passar?**

Quis transmitir a ideia de que ainda vamos a tempo de mudar. Apesar dos problemas ambientais que enfrentamos, acredito que, com mais consciência e força de vontade, é possível construir um futuro melhor.

O conto mostra essa esperança, mas também alerta para o que pode acontecer se nada mudar.

« *Tenho o sonho de, um dia, conseguir publicar o que escrevo. Já recebi elogios pelo meu estilo de escrita, e este prémio dá-me ainda mais motivação para continuar a fazer algo de que gosto tanto e para melhorar cada vez mais.* ■



lê aqui o conto vencedor!

Conto
Conto



'Heróis invisíveis' fala-nos do Sr. Rui que disse "BASTA", reergueu-se e escreveu um livro, a ser publicado, sobre as suas quedas e recomeços, provando que se pode renascer. A Associação CASA apoia pessoas vulneráveis, heróis invisíveis, devolvendo-lhes dignidade. Todos temos o poder de mudar vidas.

1.05

**Ana Isabel Mendonça,
Bernardo Filipe,
Salvador Andrade
e Sofia Tillu**

Es de Francisco Franco (Funchal)



*
**Acede ao QR code
para assistires ao vídeo
vencedor!**

▶ **Como é que descobriram esta história e o que vos fez perceber que ela devia ser contada?**

Sofia Tillu: A história chegou até nós através do contacto com instituições sociais. O percurso do Sr. Rui, marcado pela queda e reconstrução, revelou-se profundamente humano e com potencial para sensibilizar e inspirar outras pessoas.

Isabel Mendonça: A história também surgiu de forma muito humana, não como uma procura ativa por conteúdo. Antes de pegarmos na câmara, quisemos conhecer o Sr. Rui, conversar com ele sem qualquer pressão. Foi nesse primeiro contacto que percebemos que havia ali mais do que um passado difícil — havia uma transformação real. Isso fez-nos sentir que era uma história que merecia ser contada.

▶ **Como é que decidiram o foco da narrativa: a queda, o recomeço ou os dois?**

Isabel Mendonça: Achámos importante mostrar os dois, mas sem dar mais peso à queda do que ao recomeço. A queda ajuda a perceber o percurso, mas não define a pessoa. O recomeço é onde está a verdadeira mensagem — é aí que se vê a mudança e a força do Sr. Rui.

▶ **Que desafios tiveram ao filmar uma história com este cariz tão sensível?**

Isabel Mendonça: O maior desafio foi conquistar a confiança do Sr. Rui — e fazê-lo com respeito. O facto de não termos filmado logo no primeiro dia foi essencial para isso. Também tivemos o cuidado de não cair em

dramatizações ou clichés. Queríamos contar a história com verdade, não a exagerar.

Sofia Tillu: Outro grande desafio foi manter a autenticidade e dar espaço para que tudo acontecesse ao ritmo do protagonista.

▶ **Como equilibraram o papel de "contar uma história" com o respeito pela dignidade da pessoa?**

Isabel Mendonça: Colocando sempre a pessoa à frente da narrativa. Houve momentos em que optámos por não filmar ou não usar certas partes, precisamente por respeito. O objetivo nunca foi expor, mas sim dar voz e mostrar o percurso do Sr. Rui de forma digna.

Sofia Tillu: Também procurámos garantir que a narrativa fosse construída com ele e não sobre ele. O consentimento, a escuta e o respeito estiveram sempre no centro.

▶ **Alguma vez sentiram que estavam a entrar num território demasiado íntimo?**

Isabel Mendonça: Sim, houve momentos em que sentimos isso. E, nesses casos, preferimos parar e ouvir. Nunca quisemos forçar nada. A confiança que se criou permitiu que o Sr. Rui partilhasse apenas aquilo com que se sentia confortável.

▶ **Como garantiram que o protagonista se sentia confortável com a forma como seria retratado?**

Salvador Andrade: Nós sabíamos que o tema podia ser sensível para o Sr. Rui. Por isso, decidimos não explorar muito o assunto, estivemos alguns dias antes da gravação a falar com ele para conhecer mais da história e saber o que devíamos e não devíamos perguntar.

Isabel Mendonça: Por isso mesmo, criou-se um ambiente de confiança. Ao longo do processo, fomos sempre transparentes quanto às nossas intenções e atentos aos limites do protagonista.

Sofia Tillu: Partilhámos o processo e tivemos em conta a sua opinião ao longo de todo o trabalho.

▶ **O que mais vos marcou na história de superação deste homem?**

Isabel Mendonça: A forma como o Sr. Rui fala do passado com honestidade e consciência. Não há desculpas nem vitimização. E, acima de tudo,

marcou-nos perceber que a mudança começou com um gesto simples de cuidado — algo pequeno que teve um impacto enorme.

«Também me marcou a sua resiliência e a capacidade de reconhecer o passado sem se deixar definir por ele.» — *Sofia Tillu*

▶ **Que papel teve a associação CASA - Centro de Apoio ao Sem Abrigo na**

**Bruna Vieira, Laura Nóbrega,
Madalena Magalhães e Nellymar Monsalve** / 2.^{as}
ES de Jaime Montiz (Funchal)



Com sensibilidade e respeito, Sofia, Isabel, Salvador e Bernardo deram voz a uma história de queda e recomeço, mostrando o impacto invisível de quem ajuda a transformar vidas.

Isabel Mendonça: A Associação não deu apenas um apoio pontual, mas teve um acompanhamento contínuo, fundamental. A intervenção da equipa, especialmente naquele primeiro momento em que o ajudaram no jardim, foi decisiva para o início da mudança e para uma verdadeira reintegração.

▶ **Perceberam, durante o projeto, o impacto real que estas instituições têm na vida das pessoas?**

Bernardo Silva: Durante a realização do vídeo, ficou evidente que o impacto destas instituições vai além do apoio material. O projeto destaca que são os "heróis invisíveis" (voluntários e colaboradores) que, através da humanidade, têm o poder de transformar destinos e mudar vidas. A experiência de documentar a história de superação do Sr. Rui serviu para provar que, com o apoio adequado, é possível "renascer".

— *não só ao nível das necessidades básicas, mas também na recuperação da dignidade e da autonomia das pessoas.»*

— *Isabel Mendonça*

▶ **Consideram que este projeto vos mudou enquanto pessoas?**

Salvador Andrade: Claramente. Foi uma etapa muito importante, porque nos ajudou a conhecer e a viver mais experiências na área social.

«Ao conhecer o Sr. Rui, ouvimos histórias e vivências diferentes da realidade a que estamos habituados.»

— *Salvador Andrade*

concretização desta recuperação?
Bernardo Silva: A associação CASA desempenha um papel fundamental ao apoiar pessoas em situação de vulnerabilidade nas ruas.

NO CASO ESPECÍFICO RETRATADO, A INSTITUIÇÃO É COMO UM PILAR QUE AJUDA A DEVOLVER A DIGNIDADE E A ESPERANÇA ÀQUELES

QUE ENFRENTAM DIFICULDADES, PERMITINDO PERCURSOS DE RECUPERAÇÃO COMO O DO SR. RUI, QUE CONSEGUIU REERGUER-SE E ESCREVER UM LIVRO SOBRE O SEU PERCURSO DE "QUEDAS E RECOMEÇOS".

— *Bernardo Silva*

«*Deixámos de ver estas instituições de forma abstrata. Passámos a perceber, no terreno, o impacto concreto que têm*

Jurados — Tema: 'Heróis do quotidiano'

Eduardo Costa
Realizador e Produtor

João Filipe Pestana
Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

Bruno Chicharo
Designer na Secretaria Regional de Educação

Jurados — Tema: 'Silêncio e Ruído'

Ricardo Duarte Freitas

Jornalista no Diário de Notícias da Madeira

Simon Zino

Fotógrafo e Designer

Sara Reis Gomes

Bióloga e Fotógrafa



descobre aqui
os **clicks** que apaixonaram
os jurados!



Fotografia Fotografia

Entre luzes, fumo e movimento, Bruna Vieira transformou o silêncio e o ruído em imagens cheias de emoção, onde a dança dá voz ao que as palavras não conseguem dizer.

- ▶ **O que sentiste quando soubeste que eras a vencedora?**
Fiquei muito feliz e surpreendida. É sempre gratificante ver o nosso trabalho reconhecido, principalmente quando é um projeto em que colocamos significado e emoção.
- ▶ **Fala-nos das técnicas que utilizaste para dar corpo ao tema "Silêncio e Ruído".**
Fiz registos fotográficos em ambiente de estúdio, utilizei flashes, fumo, gel colorido e contei com a colaboração dos meus colegas de turma para modelo e figurantes. Numa das imagens, recorri a dois disparos de flash em momentos distintos, na mesma exposição, para criar uma sobreposição de dois rostos. Noutra foto utilizei a retroiluminação para definir volumes através de sombras projetadas no fumo. Na terceira imagem, obtive a definição nos dois focos de luz com recurso ao modificador de luz denominado de "snoot". O laranja de um dos focos de luz foi obtido com uma placa de gel colocada no final do "snoot".
- ▶ **Porque escolheste precisamente a luz, o fumo e as mãos para contar esta história?**
Como o som não pode ser representado visualmente, tentei transmitir essa sensação através desses elementos visuais. A luz, o fumo e as mãos ajudaram-me a criar uma atmosfera intensa e emocional, estimulando a criação de uma percepção de música. As mãos representam o caos, a pressão e o ruído exterior, quase como pensamentos ou vozes à volta da modelo. O fumo e a luz ajudam a criar profundidade e uma sensação mais abstrata, quase como se estivéssemos a entrar no mundo interior dela. A dança e o movimento acabam por unir todos esses elementos e transmitir essa ideia de libertação e silêncio interior.

- ▶ **Houve algum momento particularmente desafiante durante o processo criativo?**
A foto com múltiplos disparos de flashes apresentou-se como a mais desafiante pela necessidade de obter o *timing* perfeito entre o momento dos disparos e a posição da modelo. Para além disto, tendo em conta que as partículas que simulam fumo dispersam-se rapidamente, é desafiante obter a densidade correta.
- ▶ **Foi difícil escolher as três fotografias finais?**
Não propriamente. Quando soubemos do concurso, o professor orientou-nos para desenvolvermos uma série de três fotografias, por isso o processo foi muito pensado desde o início. Ainda assim, o mais desafiante foi perceber como queria abordar o tema e de que forma podia transmitir visualmente a dualidade entre silêncio e ruído.
- ▶ **Na tua proposta, o corpo assume um papel muito forte. Acreditas que o corpo consegue expressar o que as palavras não conseguem?**
Sem dúvida. Para mim, a dança é precisamente isso: uma forma de comunicar emoções e histórias sem precisar de palavras. Mesmo fora da dança, a linguagem corporal diz muito sobre aquilo que sentimos. É quase como a pontuação numa frase: pode mudar completamente o significado, o tom ou o estado de espírito. Acho que o corpo acaba por revelar aquilo que, por vezes, não conseguimos dizer diretamente.
- ▶ **A dança surge nas tuas fotografias como um espaço de equilíbrio e até de cura. De que forma é que a dança influencia a tua forma de ver o mundo?**
A dança não serve apenas para criar coreografias ou espetáculos, ajuda-nos também a sentir, a compreender emoções e a comunicar com os outros.
- ▶ **A fotografia faz parte dos teus planos para o futuro?**
Pretendo seguir a área da educação. No entanto, quero continuar a explorar a fotografia e outras vertentes artísticas. Aquilo que aprendemos na fotografia, como a criatividade, a observação e a comunicação visual, acaba por ser transversal e influenciar positivamente muitas áreas da nossa vida e do nosso futuro profissional. ■

1.ª Bruna Vieira
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

2.º / Martim Pinto
ES de Francisco Franco (Funchal)

R / 10

Sara Inácio / 3.ª
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

Jurados

Paulo Santos

Jornalista da RTP e Antena 1

Andreia Nascimento

Socióloga

Ricardo Miguel Oliveira

Diretor Geral e Editorial do Diário de Notícias da Madeira



É aqui
a **reportagem** vencedora!



Movido por uma experiência pessoal, João Paulo Santos transformou uma história de dor e superação numa reportagem sensível que alerta para a importância da prevenção e do apoio às mulheres com cancro da mama.

▶ A proximidade com a história da tua reportagem ajudou ou dificultou o processo de escrita?

Ajudou imenso, porque a base desta criação é o afeto. Convivo com esta temática desde criança através da minha mãe, que acompanha a evolução de nódulos mamários há muitos anos. Essa sensibilidade que adquiri ao longo da vida permitiu-me escrever com uma paixão que o distanciamento raramente oferece. Não foi apenas um exercício de escrita; foi transformar uma vivência pessoal em esperança partilhada.

▶ O que significa para ti dar visibilidade a esta história?

Significa quebrar o isolamento. Dar visibilidade a este percurso ajuda na prevenção e no diagnóstico precoce, mas vai mais além: procura sensibilizar os companheiros e as famílias para que o apoio seja mais resiliente. Muitas mulheres sentem-se profundamente sós e fragilizadas após o diagnóstico; ao contar esta história, estou a dizer-lhes que não têm de carregar esse peso sozinhas.

▶ Achas que é um tema pouco falado entre os jovens? Consideras que a tua reportagem pode ajudar a sensibilizar para importância da prevenção e do diagnóstico precoce?

Sim, sem dúvida. Existe entre os jovens a ideia errada de que o cancro da mama é um "problema de idades avançadas". A verdade é que a prevenção começa cedo, com a adoção de hábitos de vida saudáveis e a gestão do stress. Acredito que esta reportagem pode ser uma ferramenta de sensibilização crucial em contexto escolar, combatendo a desinformação e incentivando o cuidado desde a juventude.

▶ Em que momento sentiste que tinhas uma história forte entre mãos?

Senti o peso e a urgência desta história em outubro passado, ao

acompanhar a minha mãe aos exames anuais. Perceber que o tempo de espera passou de uma semana para quase meio ano, devido à enorme procura e à pressão sobre o sistema de saúde na Madeira, foi o meu "clique". Percebi que havia uma necessidade gritante de falar sobre a realidade do rastreio na nossa ilha e de oferecer uma mensagem positiva perante um sistema sob pressão.

▶ De que forma esta reportagem contribuiu para o teu crescimento pessoal?

Fez-me mergulhar na complexidade do sofrimento feminino e na instabilidade emocional que o medo da doença gera. Cresci ao perceber que, embora a cura médica não seja garantida, a cura através do otimismo e da alegria de viver pode emergir do interior da doente. Esta investigação despertou em mim uma vontade contínua de saber mais e de ser um agente ativo na divulgação de causas sociais.

▶ Que responsabilidade achas que o repórter tem ao dar voz a histórias de vida?

O repórter é o guardião da esperança. Temos a responsabilidade ética de trazer a verdade sobre a doença, mas também de humanizar os números. Dar voz a estas histórias é mostrar que existem vencedoras, transformando cicatrizes em mensagens de força para quem acaba de receber um diagnóstico. O nosso papel é ser o elo entre a dor individual e a solidariedade coletiva.

▶ O que consideras essencial no trabalho de um repórter?

O essencial é o compromisso com a verdade e o recurso a fontes credíveis, mas nunca esquecendo a empatia. Um bom repórter deve saber ouvir o que está nas entrelinhas da dor e conseguir transmitir, através de testemunhos reais, uma mensagem que inspire ação. No fundo, é ser uma ponte entre a realidade crua e a possibilidade de um futuro melhor.

“Esta investigação despertou em mim uma vontade contínua de saber mais e de ser um agente ativo na divulgação de causas sociais. ■

1.º **João Paulo Santos**
ES de Francisco Franco
(Funchal)

2.º / **Tomás Sol**
EBS de Machico

R / 11

Catarina Ferreira / 3.ª
EBS Gonçalves Zarco

Jurados — Tema: 'Ficção histórica'

Jorge Sousa

Jornalista no Diário de Notícias da Madeira

Eduardo Simões

Historiador na Secretaria Regional de Educação

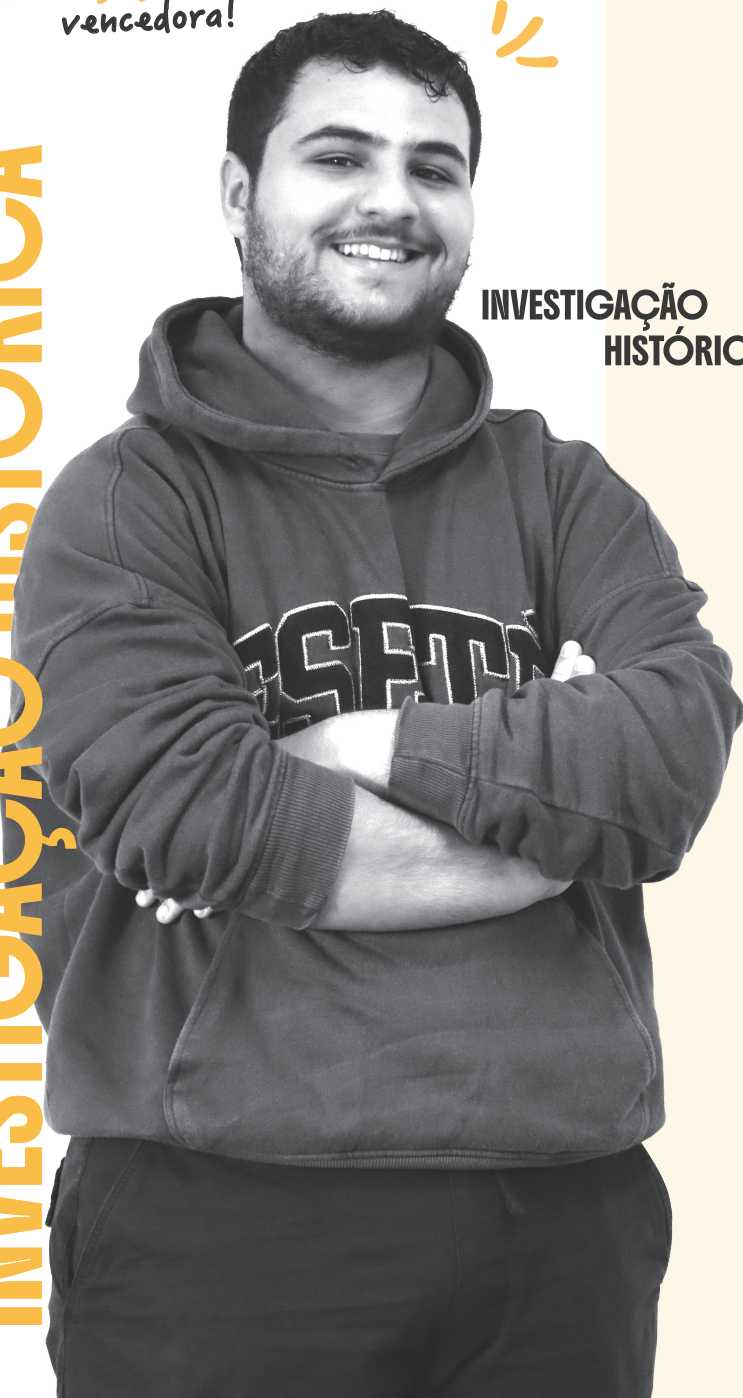
Luís Eduardo Nicolau

Historiador e Investigador no CIDEHUS



descobre aqui
a investigação histórica
vencedora!

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA



INVESTIGAÇÃO
HISTÓRICA

Entre memórias régias, factos históricos e emoção, João Bacanhim dá voz à rainha D. Amélia numa carta intimista que recria a visita real à Madeira em 1901.

▶ Porque escolheste fazer a Investigação Histórica?

Porque sou apaixonado pela História, pela Cultura e pela Literatura. Este trabalho chamava por mim, pois unia tanto ficção como a realidade do nosso passado e das nossas origens.

▶ Como surgiu a ideia de compor uma carta como se fosse a rainha D.^a Amélia a escrevê-la?

Ao início, não tinha a certeza sobre que tema queria escrever. Segui a sugestão da minha professora de História A, que me incentivou a participar neste concurso e que também me ajudou a dar vida a este artigo, e à qual agradeço muito. Além de todos estes motivos, no meu íntimo, sinto uma leve paixão sobre o conhecimento pelas tradições monárquicas e pelas figuras associadas a elas.

▶ Este trabalho mistura história e ficção... foi mais desafiante investigar os factos ou dar-lhes emoção e voz?

A figura da Rainha Dona Amélia sempre me intrigou. Uma rainha de origem francesa, que viria para Portugal casar com o nosso rei D. Carlos I. Investigar o seu lado mais pessoal e tentar replicar a sua escrita implicou atravessar algumas páginas de documentos históricos. Juntando isso ao fator da veracidade dos factos em relação à sua viagem às ilhas, levou algum tempo a aperfeiçoar. Foi precisa uma pesquisa sobre os acontecimentos daquele dia, tentar perceber o "roteiro dos monarcas" e a sua agenda. Para mim, foi mais desafiante juntar os factos históricos à minha tentativa de replicar a escrita da nossa rainha emérita, pois existia sempre o receio de estar a ficcionar demasiado.

▶ A carta é dirigida aos filhos... porque escolheste esse lado mais íntimo e familiar?

Escolhi recorrer a um lado mais privado e familiar desta figura histórica, por transmitir mais emoção e apelar mais ao lado humano da monarquia. Por vezes as pessoas possuem uma visão "divinizada" das famílias reais (até aos dias de hoje), e com esta carta dirigida de mãe para filhos, tentei mostrar o lado mais humano e afetivo daquela família. E cativar de forma mais abrangente a atenção do público por ter este lado mais afetivo e emocional.

▶ A viagem com o rei D. Carlos I às ilhas da Madeira e do Porto Santo serve de cenário... o que é que te fascinou nesse episódio histórico?

É certo que de todos os episódios históricos, este fascina-me de modo especial por ser a primeira e (aparente) única visita de um monarca português aos territórios insulares, nomeadamente aos Açores e Madeira. É curioso pensar que nenhum outro rei ou rainha visitou a Ilha da Madeira. Especulando, de certa forma parece até ter sido um último objetivo a cumprir antes do fim da Monarquia portuguesa. Achei interessante a forma como o casal foi recebido pela população madeirense e porto-santense, documentado em algumas fotografias da época. De forma saudosa e admirável, os madeirenses demonstraram todo o seu apoio à vinda dos chefes de estado.

▶ Houve algum detalhe mais marcante que fizeste questão de incluir?

Fiz questão de colocar nesta carta dois momentos marcantes: a passagem do casal régio pelo Monte e as suas viagens de comboio e carros de cesto. Nesse dia de 23 de junho de 1901, o casal andou no Funchal através do histórico comboio do Monte, assim como nos carros de cesto, documentados numa fotografia, acompanhados pelos carreiros.

▶ Para terminar... se pudesses fazer uma pergunta à própria rainha D. Amélia, qual seria?

Perguntar-lhe-ia como imaginava o futuro de Portugal e que aspirações tinha para o país. Que caminho esperava ela que nós portugueses seguissemos e que rumo imaginava para nós portugueses nesse futuro. ■

1.º

João Bacanhim
EBS/PE/C D.^a Lucinda Andrade
(São Vicente)

2.ª

Mariana Bichanga
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

R / 12

Aleana Fernandes / 3.ª
EBS/PE/C do Porto Moniz

Jurados

Cirilo Borges

Assessor de Imprensa na Secretaria Regional de Educação

Francisco Fernandes

Economista e Escritor

Roberto Ferreira

Jornalista no Diário de Notícias da Madeira



inspira-te na
poesia vencedora!



Entre sonhos, memórias e ilusões, Sara Santos construiu um poema marcado pela emoção e pela nostalgia, onde o Douro acompanha o percurso íntimo do sujeito poético.

▶ O que sentiste quando soubeste que o teu poema tinha sido o escolhido?

Senti uma mistura de surpresa e felicidade. Foi um momento muito especial. Ganhar este prémio já era um objetivo há três anos, desde que comecei a escrever para o 'Ponto e Vírgula', e tornou-se ainda mais significativo depois de ter alcançado o 3.º lugar há dois anos. Por isso, naquele instante, senti que todo o esforço, a dedicação e o tempo investido na escrita tinham, finalmente, valido a pena.

▶ Quanto tempo demoraste a escrever este poema? Escreveste de forma contínua ou foste trabalhando e reescrevendo ao longo do tempo?

Demorei cerca de duas semanas. Não foi um processo contínuo, fui escrevendo aos poucos, organizando ideias e voltando ao texto principal. A reescrita teve um papel essencial, com o apoio da minha professora, até chegar à versão final.

▶ Há uma forte ligação entre sonho, realidade e ilusão no teu texto. O que representa, para ti, esta mistura?

Essa mistura representa o percurso emocional do sujeito poético. Há uma idealização inicial, um desejo intenso de alcançar algo, que pode ser o amor ou até uma certa sensação de controlo sobre a própria vida. Durante esse processo, tudo parece possível, e realizável. No entanto, com o tempo, surge o confronto com a realidade. O que sempre desejamos desfaz-se, e o que permanece são as memórias. É, no fundo, um ciclo de desejo, conquista, fim e também de renovação.

▶ Sentiste mais liberdade ou mais desafio ao escrever neste registo poético?

Senti um pouco dos dois. Por um lado, foi um desafio, porque era algo que queria conquistar. Por outro, senti bastante liberdade criativa.

Gosto de trabalhar com metáforas e de incorporar vivências pessoais de forma subtil, quase camuflada, dando-lhes um novo significado dentro do poema.

▶ O Douro surge quase como uma personagem no poema. Porque escolheste este cenário?

O Douro surge como um elemento simbólico. Precisava de um espaço que situasse o sujeito poético, mas que também tivesse significado. O rio representa não só um lugar físico, mas também a continuidade, os ciclos e o percurso da vida. Acaba por acompanhar e refletir as transformações emocionais ao longo do poema.

▶ Quando relês o poema agora, o que é que sentes?

Sinto sobretudo nostalgia. Consigo reconhecer as memórias que deram origem a certas imagens e metáforas, e lembrar-me do que estava a sentir naquele momento. É quase como reviver uma fase específica da minha vida e das ideias que queria transmitir.

▶ Achas que desafios como este ajudam os alunos a expressar melhor as suas ideias?

Sem dúvida. Estes desafios permitem que os alunos se expressem de forma livre e criativa, e ao mesmo tempo valorizam a escrita. A literatura nem sempre recebe tanto incentivo como outras áreas, por isso iniciativas como esta são importantes para dar visibilidade e motivar quem gosta de escrever.

▶ Há autores, músicas ou outras influências que te inspiram na escrita?

Tenho uma forte ligação à mitologia e às obras clássicas que acabam por influenciar a minha forma de pensar e escrever. Neste poema, quis sair um pouco da minha zona de conforto e explorar algo mais contemporâneo, inspirando-me em autores como Fernando Pessoa, como o seu estilo de escrita e estilo de vida.

▶ Se tivesses de resumir este poema numa única palavra, qual escolherias?

Sonho. ■

1.ª Sara Santos
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

2.ª / Francisca Sousa
EBS de Santa Cruz

R / 13

Albany Contreras / 3.ª
ES de Francisco Franco (Funchal)

As flores também contam histórias.

■ Tapete vencedor juntou arte contemporânea, memória afetiva e tradição madeirense.



entrada do PLAZA Madeira, entre o movimento apressado da cidade e o ruído habitual dos dias, nasceu um pedaço de ilha feito de flores, padrões e memória. Quem passava via cor. Quem olhava melhor encontrava levadas, jardins, musgo, infância e até aquele exagero bonito que só a Madeira sabe ter.

O tapete vencedor do concurso **'Todas as Flores que eu Sonhei'** não apareceu pronto. Foi crescendo devagar, como crescem as ideias mais sinceras: aos poucos, entre desenhos, tentativas e mãos cheias de tinta, cola e imaginação. Pelo meio, houve uma turma inteira a transformar uma criação de **Âmbar Silva** numa instalação viva. Inspirada no trabalho de *Joana Vasconcelos*, Âmbar quis criar mais do que um objeto bonito. Quis construir um lugar. Um daqueles lugares emocionais onde cabem as levadas silenciosas, os jardins das avós, as flores em excesso, as casas cheias de cor e as memórias que ficam agarradas à infância. *«As levadas são lugares de paz», explica. «Querida que as pessoas sentissem conforto ao olhar para o tapete. Querida que as flores, os jardins e os elementos das levadas despertassem memórias felizes, como os jardins das avós e as recordações da infância. A ilha está viva e eu quis transmitir isso.»*



■ **A construção deste tapete teve a orientação dos professores Ricardo Galdeira, Marco Gonçalves e Alexandra Carvalho.**

Talvez por isso o resultado tenha conseguido fugir ao lado meramente decorativo. Havia qualquer coisa de afetivo naquela composição. Como se o tapete não estivesse apenas exposto, mas a lembrar alguma coisa a quem o via. A apresentação pública do tapete contou com a presença da Secretária Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, Elsa Fernandes, da Diretora Regional do Turismo, Bárbara Spínola, do Diretor do Diário de Notícias da Madeira, Ricardo Miguel Oliveira, e do Diretor do PLAZA Madeira, Vítor Rodrigues. Os protagonistas, esses, continuaram a ser os alunos da EBS de Machico.

Foram eles que montaram, peça a peça, aquilo que começou num conceito artístico e acabou transformado numa obra coletiva. Para o professor Marco Gonçalves, este tipo de experiência permite aos alunos perceber que a arte pode existir fora da escola e dialogar diretamente com as pessoas. *«É importante que eles sintam que aquilo que criam tem impacto, que pode ocupar espaços públicos e chegar aos outros»*, refere.

 **ELES SONHARAM.
E NÓS PARÁMOS
PARA OLHAR!**





abril
PRÉMIO
MAIS CRIATIVIDADE

PLAZA Madeira

ONDE O TALENTO GANHA ESPAÇO

Apoiar os jovens é investir no futuro da Região. No PLAZA Madeira, acreditamos que a proximidade à comunidade também se constrói através do envolvimento em iniciativas que valorizam as novas gerações, estimulam a sua participação e lhes dão ferramentas para crescer enquanto cidadãos mais informados, criativos e confiantes.

Num mundo marcado pela velocidade da informação, pela multiplicação de plataformas digitais e pela facilidade com que os conteúdos circulam, a literacia mediática tornou-se uma competência essencial. Saber ler criticamente, interpretar, questionar e comunicar com responsabilidade é hoje tão importante como dominar qualquer outra área do conhecimento.

É também por isso que os projetos que aproximam os jovens da escrita, da reflexão e da produção de conteúdos assumem um papel tão relevante no seu percurso formativo. O PLAZA Madeira orgulha-se de

apoiar, uma vez mais, o projeto 'Ponto e Vírgula', promovido pela Secretaria Regional de Educação, no âmbito de um protocolo que prevê a atribuição de cerca de 10.000 euros em prémios ao longo do ano letivo. Através de *Gift Cards*, distinguimos escolas e alunos pelos melhores trabalhos apresentados, reconhecendo o mérito, o empenho e a dedicação de quem aceita o desafio de pensar, criar e comunicar.

Mais do que premiar resultados, este apoio pretende valorizar processos: a curiosidade de quem procura saber mais, a disciplina de quem investiga, a capacidade de transformar ideias em palavras, a coragem de expressar um ponto de vista e a criatividade necessária para olhar para o mundo de forma original. Cada trabalho desenvolvido pelos alunos representa uma oportunidade de descoberta, aprendizagem e afirmação do seu talento.

Acreditamos que a criatividade deve ser incentivada desde cedo e que o talento jovem merece espaço, reconhecimento e visibilidade. Quando uma comunidade apoia os seus alunos, está também a fortalecer a sua capacidade coletiva de inovar, participar e construir respostas para os desafios do futuro.

É com este sentido de responsabilidade que o PLAZA Madeira continuará a estar próximo da comunidade escolar, apoiando iniciativas que promovem conhecimento, espírito crítico, expressão criativa e participação cívica. Felicitamos todos os alunos, professores, escolas e entidades envolvidas por contribuírem para uma geração mais preparada, mais consciente e mais capaz de fazer ouvir a sua voz. ■

A vencedora do prémio +Criatividade de abril foi a **Joice Silva**, aluna da **EBS Dr. Maurílio da Silva Dantas — Carmo**.

No seu artigo '*O Burnout da Produtividade*', a Joice parte de algo que todos conhecemos: chegar a uma sexta-feira à noite, trabalhos feitos, e não conseguir simplesmente descansar. Com ironia e clareza reflete sobre a tirania da produtividade moderna e mostra como o tempo livre se tornou exigente, escravizado por metas, *smartwatches* e a necessidade de aprovação nas redes sociais.

Se ainda não leste, encontra o artigo completo na edição de abril do PV, vale mesmo a pena.

A seleção do trabalho ficou a cargo do Gabinete da Secretária Regional de Educação. A distinção valeu à Joice um *voucher* de **40 euros**, com o apoio do Plaza Madeira.

No próximo mês temos muito para te contar, incluindo o resumo da Festa do PV.

